Reflexões sobre a Compreensão de Agroecologia pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra

Reflections on the Understanding of Agroecology Movement of Landless Rural Workers

VALADÃO, Adriano da Costa. UFPR / ELAA, adriano cv01@yahoo.com.br; MOREIRA, Silvana dos Santos. ELAA, silvanasmor@yahoo.com.br.

Resumo

Temos como objetivo neste texto discutir a compreensão de agroecologia em desenvolvimento pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra - MST. Este Movimento destaca-se por ser o principal protagonista da luta pela terra no Brasil e propõe a adoção da agroecologia pelas famílias assentadas. Para tanto, analisaremos documentos publicados por este Movimento ou por militantes deste sobre a agroecologia. O MST compreende a agroecologia como uma estratégia de resistência e de superação ao modelo da agricultura convencional.

Palavras chave: MST, Assentamentos rurais, agroecologia.

Abstract

This paper discusses the understanding of agroecology in development by the Movement of Landless Rural Workers - MST. This movement stands out as the main protagonist of the struggle for land in Brazil and suggests the adoption of agroecology by families settled. For this review papers published by MST or their militants about agroecology. The MST understand a agroecology as a strategy of resistance and overcoming the conventional model of agriculture.

Keywords: *Movement of Landless Rural Workers Agroecology, rural settlements, agroecology.*

Introdução

A proposta de adoção de tecnologias alternativas esteve presente desde os primeiros documentos do MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, ainda em meados da década de 1980, mas é somente a partir de metade da década de 1990, que essa proposição começa a se traduzir em ações práticas. A partir das resoluções aprovadas no IV Congresso Nacional do MST, realizado em 2000, a agroecologia passa a ser assumida pelo Movimento como nova matriz produtiva em substituição ao modelo de agricultura da Revolução Verde. Assim, diversos assentamentos rurais, ligados ao MST tem avançado como um campo para o desenvolvimento de processos de transição agroecológica.

Resultados e discussão

A Questão Agrária, conforme seu momento histórico apresenta e incorpora determinados elementos característicos de sua época. Como coloca Fernandes (2001) “neste final de século, o debate a respeito da questão agrária contém antigos e novos elementos”, destacando-se a centralidade pela “disputa política por diferentes projetos de desenvolvimento do campo”. A questão ambiental emerge a partir da crescente degradação do meio ambiente, que levou a constituição e consolidação de um forte movimento ambientalista². Neste período, importantes eventos são realizados pela ONU a fim de discutir a questão ambiental, com destaque para as Conferências de 1972 em Estocolmo e a de 1992 no Rio de Janeiro. No Brasil este último evento é normalmente colocado como marco na organização do movimento ambientalista.

² O movimento ambientalista possui uma grande diversidade de concepções e modos de ação; alguns até contraditórios entre si. Neste texto compreendemos estes os movimentos como aqueles que a defendem a importância da preservação ambiental.

Resumos do VI CBA e II CLAA

A consolidação do movimento ambientalista influenciou também os movimentos sociais, como o MST – Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que já mencionava a preocupação com a utilização de tecnologias alternativas em seus primeiros documentos (MST, 1986)³. Mas essa preocupação não se traduziu em ações práticas significativas até pelo menos meados da década de 1990. O processo de modernização, conhecido como Modernização Conservadora (SILVA, 1981), se refletiu também nas famílias camponesas. Estas, a partir principalmente dos programas de extensão rural e da depreciação que as práticas tradicionais sofriam, adotaram os padrões da agricultura convencional. Mas esta adoção, principalmente por falta de recursos ocorria de forma parcial, não se utilizava o pacote tecnológico completo (CAPORAL, 1994).

As políticas neoliberais disseminadas principalmente na década de 1990 trouxe o aprofundamento do modelo agrícola convencional e a utilização dos organismos transgênicos. Este modelo buscando passar uma imagem de moderno, passou a se denominar de agronegócio, ampliou as dificuldades para os pequenos agricultores se inserem no mercado, assim como levou ao aumento a degradação ambiental. Grupos de pesquisadores, críticos da agricultura convencional passam a pesquisar estas técnicas alternativas e passam a construir a agroecologia que vai conquistando o status de ciência (BRANDENBURG, 2002). Esta começou a ganhar espaço a partir de meados da década de 1980, inicialmente se preocupava em aproximar as ciências agrárias da ecologia, destacando aqui os primeiros trabalhos de Miguel Altieri.

Por outro lado, sem abandonar seus aspectos técnicos, a agroecologia passa aos poucos a incorporar uma dimensão social a partir da compreensão das formas de exploração e dependência a que estão submetidos os agricultores (SEVILLA GUZMAN, 2000). Questionando a destruição das culturas camponesas com base no mito da superioridade do mundo urbano sobre o rural, e do campo apenas como um local de produção de mercadorias, a agroecologia, ganha uma dimensão “subversiva e crítica” (SEVILLA GUZMAN, 1993).

Assim a agroecologia, ao contrário de outras *correntes* da agricultura alternativa ou ecológica⁴, além de destacar sua forte preocupação social, o compromisso e respeito com as populações camponesas e seus saberes, busca construir uma base científica com fundamentos epistemológicos diferentes da ciência tradicional (GOMES, 2005). Neste contexto, o MST, assim como diversos movimentos sociais do campo, principalmente os ligados a Via Campesina⁵, passam a incorporar a defesa da agroecologia como uma estratégia de luta. No caso do MST o marco desta incorporação pode ser colocado como as resoluções referendadas durante do IV Congresso Nacional do MST, realizado no ano 2000. Neste evento o MST assume a necessidade de uma mudança na matriz produtiva e da defesa da soberania alimentar⁶ passando a defender a adoção da agroecologia.

Após o IV Congresso, diversos documentos e lideranças reafirmam a necessidade de mudança da matriz produtiva e tecnológica dos assentamentos rurais. (MST, 2005, 2006a; STÉDILE, 2003). Ponto comum nestes documentos é a crítica ao modelo da agricultura convencional, do domínio de grandes transnacionais sobre os insumos e também os alimentos; assim como o respeito ao meio ambiente; a produção de alimentos saudáveis e o estabelecimento de processos de cooperação para atingir estes objetivos. Os documentos também apontam a necessidade da construção do conhecimento necessários à produção agroecológica e da formação de técnicos

³Neste documento já constava uma crítica ao modelo de agricultura convencional, bem como relacionava diversas tecnologias alternativas como a conservação dos solos, compostagem, adubação verde, entre outros.

⁴ Existem diversas escolas ou correntes de agricultura alternativa ou ecológica, como a “orgânica, biodinâmica, biológica, para uma descrição destas correntes vide Khautonian (2000), Brandenburg (2002), entre outros.

⁵ A Via Campesina é uma articulação internacional de movimentos sociais do campo.

⁶ A Via Campesina compreende a Soberania Alimentar o direito dos povos em definir suas próprias estratégias sustentáveis de estabelecer políticas de alimentação com respeito a sua diversidade. (CAMPOS, 2006)

Resumos do VI CBA e II CLAA

com formação adequada. Em recente entrevistas, uma das principais lideranças do MST (STÉDILE, 2009), ao avaliar os 25 anos do movimento coloca que: “*Nós avançamos muito e digo isso com uma autocrítica porque há seis, dez anos atrás, nós não dávamos bola para a agroecologia, achávamos que era coisa de ambientalista. Quando começamos a perceber a gravidade da produção agrícola, as consequências dos agrotóxicos, do monocultivo, é que fizemos uma autocrítica e adotamos a agroecologia*”.

O MST assumiu então a agroecologia como nova matriz produtiva e tecnológica para os assentamentos rurais ao compreender que “ela responde aos princípios e objetivos que norteiam o movimento na luta pela reforma agrária, a partir da visão política do movimento social” (MST, 2006b, p.59). Para o MST a agroecologia não é simplesmente uma questão tecnológica com a substituição de insumos, mas uma alternativa ao modelo do agronegócio. Entende-se que se faz necessário recuperar dimensões da vida das famílias camponesas no manejo dos agroecossistemas, valorizar práticas antes desprezadas como a produção dos alimentos para atender as necessidades da família, aliada com a organização da produção para o mercado. Cuidar dos recursos naturais como o solo, a água e a biodiversidade; da saúde; garantindo condições de vida digna para as famílias assentadas.

Segundo Toná (2004), Eng. Agrônomo do Setor de Produção, cooperação e Meio Ambiente do MST do Paraná, ao analisar a compreensão da agroecologia no MST, destaca duas dimensões sobre o papel da agroecologia para o Movimento Social, a da *resistência* e da *superação*. A dimensão da *resistência* se manifesta no embate contra o modelo da agricultura convencional. Busca-se manter uma relativa autonomia das famílias frente a empresas transnacionais, valorizando práticas adaptadas, de forma a melhorar a produtividade minimizando impactos sobre o meio ambiente. Acreditamos que essa é a dimensão que mais se reflete em questões práticas dos movimentos sociais, e está presente no questionamento ao modelo de latifúndio e da monocultura. Na realização de ocupações de terra, e ao conquistar os assentamentos, na adoção da policultura, pela maioria destas famílias a fim de satisfazer as suas necessidades alimentares. Também diversas famílias buscam desenvolver experiências de transição agroecológica e comercialização através de canais alternativos, como feiras e programas públicos.

Neste sentido, nos Assentamentos Rurais do Paraná, muitas famílias tem desenvolvido diversas experiências de transição agroecológica. Podemos destacar como exemplo destas experiências de transição, o Grupo Terra Livre organizado por 34 famílias do Assentamento Contestado (Lapa); as 22 famílias do Assentamento Santa Maria (Paranacity), as 60 famílias do Pré-Assentamento Emiliano Zapata (Ponta Grossa), entre diversas outras experiências desenvolvidas no Paraná.

A segunda dimensão, a de *superação*, busca a “construção de um novo modelo para o campo, centrado na valorização do ser humano e todas as formas de vida”. (TONÁ, 2004, p.3) . Assim, a agroecologia assume para o MST a perspectiva de uma outra forma de relação das pessoas com o mundo natural, não mercantil, mas sim, construir uma sociedade que atenda as necessidades dos seres humanos sem degradar os recursos naturais. As experiências de transição tem como base uma lógica diferente da lógica do modelo capitalista, por exemplo, ao privilegiar a produção para o sustento familiar e não a comercialização. Por outro lado, estas experiências estão limitadas pelo contexto estrutural do modelo capitalista. Portanto, essa é uma dimensão que permanece muito mais em um plano utópico; de um devir. É uma dimensão presente principalmente nos momentos de *mística*⁷ dos movimentos sociais.

Assim o MST acredita que para que a agroecologia se torne um “sistema hegemônico é

⁷ A mística é considerada como uma 'energia' que anima e dá força a luta dos militantes do MST; está presente não só nos momentos de rituais; mas em todas as atividades realizadas por seus militantes. (BOGO, 1999)

Resumos do VI CBA e II CLAA

necessário haver mudanças estruturais na sociedade como um todo, com a socialização dos meios de produção e geração de riquezas, garantindo controle social sobre as políticas de desenvolvimento e acabando com as desigualdades políticas, econômicas e sociais em nosso País” (MST, 2006, p.60). Nesta ótica, essa mudança é necessária pois a agricultura convencional, apesar de todas as críticas que recebe, constantemente busca reafirmar suas bases e avançar em novas frentes, através do agronegócio e das sementes transgênicas.

Conclusões

O MST compreende a agroecologia, não como um fim, mas como um meio, como uma estratégia para alcançar uma sociedade mais justa e solidária. Esta, identificada por este movimento com os princípios do socialismo. Esta estratégia tem uma dimensão de resistência, em manter o que já foi conquistado pelo movimento social e sem degradar ainda mais o meio ambiente e procurar satisfazer as necessidades das famílias assentadas e por outro lado ter uma dimensão de superação do modelo de exploração do campo, que permanece muito mais em um plano utópico.

Referências

- BOGO, A. *Lições da luta pela terra*. Salvador: Memorial das letras, 1999.
- BRANDENBURG, A. Movimento ecológico na agricultura: trajetória, contradições e perspectivas. *Desenvolvimento e meio ambiente*, Curitiba, n. 6, p. 11-28, 2002,
- CAMPOS, C.S.S. Campesinato autônomo – uma nova tendência gestada pelos movimentos sociais do campo. *Lutas & Resistências*, Londrina, v.1, p.146-162, 2006
- FERNANDES, B.M. *Questão agrária, pesquisa e MST*. São Paulo: Cortez, 2001.
- GOMES, J.C.C. Bases epistemológicas da agroecologia. In: AQUINO, A.M. e ASSIS, R.L. *Agroecologia: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável*. Brasília: Embrapa, 2005. p. 73 - 99.
- KHATOUNIAN, C. A. *A reconstrução ecológica da agricultura*. Botucatu: Agroecológica, 2001.
- MST. *Construindo o caminho*. São Paulo: MST, 1986.
- _____. *Reforma Agrária: Por um Brasil sem latifúndio!*. In: CONGRESSO NACIONAL – MST, 4., 2002. Brasília, 2000.
- _____: *A reforma agrária necessária*. São Paulo: MST., 2006a.
- _____. *O MST: Reforma Agrária e agroecologia*. In: CORTEZ, C. CORREA, C.E. MOREIRA, V. R. (Org.). *Bionatur: sementes dos povos a serviço da humanidade*. s.l.: Bionatur, 2006.
- SEVILLA GUZMAN, E. *Agroecologia y desarrollo rural sustentable*. In: CURSO INTENSIVO EM AGROECOLOGIA: Princípios y Técnicas Ecológicas Aplicadas a la Agricultura. 11., 2000.
- _____.; LÓPEZ CALVO, A.I. Agroecologia y campesinado: reflexiones teóricas sobre las ciencias agrárias ante la crisis ecológica. *Actas de las Jornadas de Historia Agrária*. Almería, 19-23 de abril de 1993.
- SILVA, J.G. *A modernização dolorosa*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

Resumos do VI CBA e II CLAA

STÉDILE, J.P. Por uma reforma agrária de novo tipo. In: MST. *A urgência da reforma agrária*. São Paulo: MST, 2003.

STÉDILE, J.P. *Governo Lula está em dívida com MST*. Entrevista realizada em 15/08/2009. Disponível em www.mst.org.br/node/7958 acesso em 19/08/2009.

TONÁ, Nilciney. *Uma reflexão sobre a agroecologia no MST-PR*. Paranacity, agosto de 2004 (não publicado).